

**CHAPEUZINHO AMARELO EM QUADRINHOS:
UMA EXPERIÊNCIA DE RETEXTUALIZAÇÃO**

Carlos Eduardo Pereira (UEMS)

karlpereira2009@hotmail.com

Mislene Ferreira Cabriotti (UEMS)

mislenefc@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar uma experiência de ensino-aprendizagem de adaptações do conto/poema *Chapeuzinho Amarelo* para o formato dos quadrinhos, levada a efeito em uma turma do 6º ano do ensino fundamental. Para empreender a atividade de retextualização, os trabalhos foram organizados em uma sequência didática por meio da qual se tornou possível ensinar aos alunos a produzir, de forma ordenada, o gênero textual história em quadrinhos. Isso depois de variadas leituras, das quais resultou a produção inicial e a oportuna detecção das dificuldades apontadas pelos alunos e intervenção docente. Tendo realizado todas as etapas e tarefas solicitadas, os aprendizes se mostraram participativos e receptivos à proposta. Os resultados alcançados foram satisfatórios, visto que, nas releituras quadrinhísticas, os educandos mantiveram nexos com a história original, reproduziram adequadamente os personagens, além de apresentarem certa criatividade em alguns casos.

Palavras-chave: Retextualização. Sequência didática. HQs. Histórias em quadrinhos

1. Introdução

O ensino do português, conforme é concebido de forma praticamente consensual na atualidade, deve se pautar nos gêneros textuais diversificados que circulam no âmbito social. Assim, compete ao professor buscar meios graças aos quais aos alunos sejam levados a conhecer e se apropriar dos variados gêneros existentes. Isso a fim de incentivá-los a se tornarem proficientes em matéria de leitura, compreensão e produção textual.

O presente artigo, por ser oportuno, tem por objetivo dar a conhecer o que resultou de uma experiência de ensino-aprendizagem de retextualização do conto/poema *Chapeuzinho Amarelo*, obra esta que os alunos adaptaram para os quadrinhos.

As atividades se desenvolveram em uma turma composta por alunos do 6º ano do ensino fundamental, matriculados em uma escola da re-

de pública. O trabalho, por sua vez, foi levado a cabo conforme a metodologia da sequência didática. Isso com vistas a ordenar a produção do referido gênero textual e, assim, motivar os alunos à prática da leitura literária e à produção de diferentes gêneros discursivos.

Além disso, lançamos mão da retextualização, já que esse mecanismo se mostra promissor. Seja porque permite o estímulo à prática da leitura das obras originais, seja em virtude de que envolve a atividade cognitiva da compreensão.

Os autores aos quais recorreremos como embasamento teórico para efetivar este trabalho são Marcuschi (2008), que aborda o tema sequências didáticas, assim como Cavalcante e Wanderley (2012) e Zeni (2013), que fazem considerações sobre retextualização e adaptação, respectivamente.

Na primeira parte deste trabalho destacaremos o que vem a ser sequência didática e sua finalidade, assim como apresentamos a proposição de uma sequência propriamente dita. No segundo momento faremos considerações sobre adaptação, retextualização e seu potencial na esfera do ensino de língua. Por fim, socializaremos um relato dos resultados concretos obtidos.

2. Sequências didáticas de Dolz, Noverraz e Schneuwly para o ensino dos gêneros textuais

A proposição desses autores é a de que é viável ensinar gêneros textuais públicos da oralidade e escrita e tal pode ser levado a efeito de modo ordenado. Assim sendo, segundo Marcuschi (2008, p. 243), os citados estudiosos (2004, p. 97) definem “sequência didática” como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito.” Para isso, deve-se levar em conta a comunicação em situação real.

Definir, planejar, organizar, são palavras de primeira ordem, quando o que se pretende é trabalhar com o ensino de gêneros textuais. Para tanto a sequência didática é forte aliada a esse fazer. Vejamos a definição de Scheneuwly & Dolz (2004, p. 82), “Uma ‘sequência didática’ é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”.

Diariamente somos desafiados a participar de situações que nos

incorrem posicionamentos, seja por meio de produções orais ou escritas, pois estamos inseridos em uma sociedade, portanto são diversas as esferas sociais que permeiam o nosso dia-a-dia, essas esferas são categorizadas por meio dos gêneros textuais.

Quanto melhor dominamos os gêneros tanto mais livremente os empregamos, tanto mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação; em suma, realizamos de modo mais acabado o nosso livre projeto de discurso. (BAKHTIN, 2011, p. 285)

Para cada situação social, temos que nos manifestar de forma semelhante ou não, pois apesar de existir uma diversidade textual, existem situações em que nos recorremos a gêneros considerados regulares.

Partiremos da ideia de que, para realizar a produção textual é necessário planejá-la, antes da sua execução. Assim temos que considerar que ao planejar uma produção é importante selecionar alguns elementos que compõem a situação de produção, finalidade, definição do interlocutor, ou seja, a quem o texto será destinado, definição do portador do texto no qual o texto será publicado (por exemplo, jornal escolar, da classe etc.); definição do lugar de circulação do produto final.

Em suma, o trabalho com sequências didáticas possibilita ao aprendiz realizar todas as tarefas e etapas para a produção de um gênero textual. Eis, a seguir, um modelo de esquema de sequência didática.

3. *Proposta de sequência didática para a produção de histórias em quadrinhos*

3.1. Apresentação da situação

Antes de tudo, apresentamos como tarefa aos alunos a proposta de leitura e produção de texto a ser realizada naquela e nas demais oficinas. Assim, os estudantes leram alguns contos de fadas e histórias em quadrinhos. Isso a fim de levar a efeito a retextualização de um conto, adaptando-o para o formato dos quadrinhos (história em quadrinhos digital), a circular no jornal on-line da escola. A primeira parte da sequência foi organizada em três módulos, da forma como veremos adiante.

3.1.1. Módulo I – Relação entre contos de fadas originais e versões adaptadas para os quadrinhos

Os alunos foram animados a confrontar a versão original do conto “Alice no país das maravilhas” com o formato quadrinizado. No caso, a paródia da *Turma da Mônica* “Magalice no país das melancias.” Isso para estabelecer as diferenças e semelhanças existentes entre esses gêneros discursivos. Enfim, em se tratando da função didática da obra adaptada, interessou-nos tratar da interpretação das imagens, da relação imagem/texto, da função das cores, bem como comparar referências visuais.

3.1.2. Módulo II – Introdução ao gênero conto de fadas

Na oficina seguinte, fez-se a sondagem dos conhecimentos prévios dos alunos no que respeita ao gênero contos maravilhosos. Por ser conveniente, isso se seguiu, conforme orienta Lopes-Rossi (2006), de uma “Série de atividades de leitura, comentários e discussões de vários exemplos do gênero para conhecimento de suas características discursivas, temáticas e composicionais (aspectos verbais e não verbais)”. Para tanto, os alunos leram os contos *O Gato de Botas*, *Os Três Porquinhos*, *A Bela Adormecida* e *O Patinho Feio*. Leitura com base na qual realizaram estas atividades: discussão sobre os portadores e meios de circulação social dos contos; contextualização desse gênero textual; identificação dos elementos da narrativa; reconhecimento de seu aspecto estrutural e de sua finalidade; análise da linguagem empregada e de aspectos temáticos (como, por exemplo, o “antropocentrismo” em *O Patinho Feio*).

3.1.3. Módulo III – Introdução ao gênero discursivo HQs

A abordagem desse gênero discursivo se realizou – guardadas as devidas proporções – à semelhança da forma como se procedeu com o gênero textual conto de fadas.

4. Primeira produção

Tendo os alunos se apropriado das características de ambos os gêneros, foram motivados a produzir, em duplas, adaptações quadrinhísticas do conto/poema *Chapeuzinho Amarelo*. Em caráter propedêutico, esse esboço inicial deu a conhecer um quadro por meio do qual avaliamos

o grau de competência dos alunos na escrita do gênero textual história em quadrinhos.

Antes de iniciar a atividade de retextualização propriamente dita, houve a leitura compartilhada do conto/poema em circunstância. Em razão de vir a propósito, perguntamos aos alunos se o título da obra lhes era familiar e, assim, os fazia se lembrar de outra história. A maioria deles disse que sim, pois já conheciam a personagem *Chapeuzinho Vermelho*. O título da paródia se mostrou, a um só tempo, criativo e chamativo, uma vez que instou os estudantes a querer descobrir o porquê de ter havido a mudança para “amarelo”.

Outra questão explorada concerne ao que representa, em nossa sociedade, a cor amarela. Boa parte dos aprendizes a associou ao medo ou covardia. No texto, tal é sugerido pela inércia da protagonista, que se isola socialmente em face do temor que vem das proibições reguladoras dos adultos. Os alunos também associaram o amarelo ao pavor da violência dos tempos atuais.

Além disso, exploramos oralmente com a turma algumas marcas linguísticas relevantes presentes no texto. Uma das quais respeita ao uso recorrente da palavra “medo”, que intensifica um temor acentuado. Outra se refere ao fato de a palavra “lobo”, em grande parte do conto/poema, ser grafada toda em letras maiúsculas. O momento após o qual a personagem se encontra com o lobo, tal termo passa a ser escrito em caixa baixa. E a palavra medo, por sua vez, vai sumindo do texto. Daí em diante também já não se faz referência à protagonista empregando o caracterizador “amarelo”.

Enfim, fizemos considerações sobre o comportamento da personagem principal depois de ela ter se deparado com a criatura do mal. Ou seja, Chapeuzinho deixa de vê-lo como violento e traiçoeiro e, ainda por cima, o ridiculariza. Por fim, em sua imaginação o lobo vira um bolo. Isso sugere um rito de passagem da fase pueril à etapa do amadurecimento. A partir de então, Chapeuzinho passa a tomar suas próprias decisões.

5. A produção final

Nessa etapa, o aluno colocou em prática o que aprendeu no decorrer dos módulos, depois da análise da produção inicial. Pelo que se pôde depreender, grande parte dos discentes obteve o controle satisfatório sobre sua aprendizagem, tendo se tornado, em certa medida, proficiente a

ponto de saber o que fez, por qual razão fez e como o realizou.

5.1. Adaptação e retextualização: definição e potencial pedagógico

Ao falar em adaptação de produções literárias para os quadrinhos, importa, antes de qualquer coisa, destacar o que afirma Zeni, para quem

As produções em quadrinhos baseadas em obras literárias devem ser avaliadas por seu valor como arte autônoma, e não à sombra da produção original. Podemos, entretanto, aproveitar a proximidade dessas adaptações e do texto que lhe serviu de base para buscar uma leitura diferenciada, uma outra visão da obra literária (2013, p. 127).

Além disso, vale ressaltar que a leitura da obra retextualizada pode instigar o aluno a ler a obra da qual se origina. Contudo, as adaptações devem ser lidas como entidades autônomas.

Ainda segundo o autor em referência, “Adaptação é um tipo de obra que tem por finalidade representar outra obra preexistente. Vamos esmiuçar isso: entenda-se por obra qualquer realização a partir da criatividade humana” (2013, p. 129). Enfim, conforme Zeni,

É possível partir de qualquer obra, produzida em qualquer tipo de arte, para realizar adaptações em outro meio, outra arte, e formar uma outra obra. É possível também adaptar cenários, personagens, período da história etc. Ou seja, qualquer elemento que exista no original pode ser “mexido” na adaptação, em favor da criação de um material esteticamente interessante (2013, p. 130).

Já a retextualização, segundo Cavalcante e Wanderley (2012, p. 3), com base nas considerações de Dell’Isola (2007, p. 36), “é a refacção ou a reescrita de um texto para outro, ou seja, trata-se de um processo de transformação de uma modalidade textual em outra, envolvendo operações específicas de acordo com o funcionamento da linguagem”.

Tendo como referência a definição dessa autora, propusemos aos alunos a leitura do conto/poema *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque de Holanda, visando à sua adaptação para o gênero textual história em quadrinhos. A atividade de retextualização, por sua vez, se mostra relevante. Nesse sentido, as referidas autoras (2012, p. 3), ao retomar as ideias de Marcuschi (2010), explanam que “há, nas atividades de retextualização, um aspecto, em geral, ignorado, mas de grande importância, o fato de que, antes de ser fazer qualquer transformação textual, deve ocorrer uma atividade cognitiva denominada *compreensão* (grifo do autor)”.

Além disso, a refacção de um gênero para outro, principalmente quanto se trata dos quadrinhos, se mostra atraente, pois envolve diversão e prazer e põe a descoberto que ler não se equivale, necessariamente, a sinônimo de tortura. Logo, o trabalho com a reescrita textual se configura com um potencial instrumento para o processo de ensino/aprendizagem de língua materna.

Ao optar pelo conto/poema em questão, tivemos em vista conduzir os alunos a refletir sobre temas próprios da idade deles, bem como inerentes à realidade em que se inserem. Além do mais, a escolha viabilizou abordar a intertextualidade, que se mostra como algo bastante fecundo. Isso porque se configura como uma maneira mais criativa de verificar a capacidade de os discentes relacionarem textos.

5.2. Resultados alcançados

Grande parte dos alunos, além de se mostrar receptiva ao trabalho proposto, evidenciou que compreendeu a proposta de produção textual (retextualização), tendo-a desenvolvido dentro dos limites estruturais do gênero textual história em quadrinhos.

A aceitação positiva dos educandos, com toda sorte de probabilidade, deveu-se à forma como as aulas foram organizadas. Isto é, se deram por meio de oficinas com duração planejada e atividades semanais variadas e em duplas. Tal organização trouxe como resultado uma rotina de aprendizagem que escapou à mesmice das aulas ancoradas no livro didático.

Ao propor a leitura compartilhada do texto *Chapeuzinho Amarelo*, os alunos se mostraram interessados e, desse modo, acompanharam a leitura com atenção. Ao lhes serem dirigidas perguntas relativas ao conto/poema, seja em relação às pistas deixadas pelo título, seja no que tange ao efeito de sentido implicado pelo uso e/ou repetição de determinadas palavras, a maioria emitiu sua opinião de caráter predominantemente subjetivo.

Quanto à produção textual, verificou-se que as versões retextualizadas evidenciaram que os alunos não se desvencilharam da obra base; ou seja, mantiveram relação estreita com o conto/poema *Chapeuzinho Amarelo*. A propósito, convém frisar o que nos explica Zeni (2013, p. 140), autor para o qual

A história trata da sequência de acontecimentos, independentemente do tipo de enunciação que foi usado para apresentá-los. Aspectos como ironia e humor podem não ser percebidos a partir da história. Ou seja: a história é o que pode ser reproduzido pela adaptação. O enredo, por ligar-se à enunciação, à linguagem, que por sua vez se liga ao meio que o apresenta, não pode ser reproduzido. Pode ser repensado e adaptado para outro meio, para a nova arte, mas não é capaz de ser integralmente transportado para a adaptação (2013, p. 140).

Os aprendizes, como se pôde constatar, reproduziram bem a história por meio dos quadrinhos, mantendo-se a base de informação do conteúdo do texto de origem. Alguns, vale salientar, mudaram a cor da Chapuzinho, bem como criaram fatos novos, como no caso em que o antagonista se apaixonou pela protagonista.

A inclusão de seres e objetos que não constam no texto-base, importa frisar, se deveu ao fato de que estavam disponíveis no HaQuê, o software utilizado. Aliás, a primeira produção dos alunos foi materializada à mão. Efetuadas as devidas intervenções em relação às lacunas de apropriação ao gênero, bem como a questões linguísticas, a produção final se deu por meio da referida história em quadrinhos digital. Contudo, em rigor, é bom que se ressalte o fato de que a história genuína foi mantida nas refacções.

Os personagens, a seu turno, são outro elemento que tendem a se manter inalterados em uma adaptação. Nesse particular, Zeni esclarece que,

Se um personagem cumprir a função de protagonista no texto original, provavelmente desempenhará esse mesmo papel na adaptação. Se cumprir a função cômica, também o cumprirá na versão adaptada. Caso isso mude as características do personagem, todo o enredo, toda a enunciação deverá acomodar essa mudança na estrutura da narrativa. A história contada também mudará (2013, p. 140).

Na retextualizações empreendidas pelos estudantes, observou-se que os personagens continuaram a representar o mesmo papel.

No que toca aos elementos que caracterizam as histórias em quadrinhos, os alunos os empregaram de forma adequada. Veja que nas produções deles verifica-se o uso de diferentes balões, onomatopeias, letras maiúsculas, metáforas visuais.

Os sinais de pontuação foram, na primeira versão, ignorados por muitos aprendizes. Assim, os orientamos de que eles são imprescindíveis a todo gênero textual, inclusive os quadrinhos. Certas grafias empregadas pelos alunos também evidenciaram o “problema” da transcrição fonética.

A esse respeito, expusemos à turma algumas diferenças que há entre as línguas falada e escrita.

6. Considerações finais

Ao longo deste trabalho, procuramos expor uma experiência de retextualização do conto/poema *Chapeuzinho Amarelo* para o formato das histórias em quadrinhos. Para a consecução desse objetivo, organizamos as atividades de modo sistemático, dado que tomamos como referência uma sequência didática baseada em Marcuschi (2008), que retoma as ideias de Dolz, Noverraz e Schneuwly.

Diante do produto final alcançado, pode-se asseverar que o trabalho com a sequência didática se apresentou aceitável, uma vez que proporcionou a possibilidade de o professor apresentar os gêneros textuais por meio de leituras várias. Além do mais, por intermédio do referido instrumento metodológico foi possível propor a produção inicial e, a partir dela, não só identificar as carências de aprendizagem dos estudantes, mas também intervir de maneira adequada.

Os módulos, de sua parte, mostraram-se como um recurso de extrema importância no processo de apropriação dos gêneros textuais história em quadrinhos e contos de fadas. Isso porque oportunizaram a proposta de atividades que, a um só tempo, diminuíram as dificuldades dos alunos, por conduzi-los ao aprimoramento, e os tornaram proficientes para a retextualização do conto/poema a que já fizemos referência.

Por fim, a retextualização, esse processo de transformação textual, revelou-se um meio didático importante. Isso porque envolveu atividades de leitura, compreensão, apropriação das características estruturais dos gêneros enfocados e consequente identificação deles. Além disso, tornou oportuna a desafiadora produção de histórias em quadrinhos a partir do conto/poema *Chapeuzinho Amarelo*. Tal implica, portanto, a reflexão do aluno não apenas sobre a linguagem, mas também a respeito da relação entre gêneros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTE, Adriana Martins; WANDERLEY, Naelza de Araújo. Morte e vida severina em HQ: Uma proposta de mediação do trabalho com o “clássico” em sala de aula. In: XIII Encontro da Associação Brasi-

leira de Literatura Comparada, 2012, Campina Grande. *Anais ABRALIC Internacional*, 2012, v. 01.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e Org.: Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2013, p. 81-108.

LOPES-ROSSI, M. A. G. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: KARWOSKI, A; GAYDECZKA, B; BRITO, K. S. (Org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

ZENI, Lielson. Literatura em quadrinhos. In: RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro (Orgs.). *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. 1. ed. 1ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2013.